



**A CARNE DOS ANJOS**  
Siobhan Dowd

**A**  
AGIR

A carne dos anjos

# A carne dos anjos

Siobhan Dowd

TRADUÇÃO DE:

Celina Portocarrero

**A**

---

AGIR

Título original  
*Swift pure cry*

Copyright © 2006, Siobhan Dowd  
Copyright da tradução © 2008, Agir Editora Ltda

*Imagem de capa*  
Gary Yeowell / Getty Images

*Copidesque*  
Taís Monteiro

*Revisão*  
Rebeca Bolite  
Daniele Ribeiro

*Produção editorial*  
Juliana Romeiro

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

---

D776c Dowd, Siobhan, 1960-2007  
A carne dos anjos / Siobhan Dowd ; tradução  
de Celina Portocarrero. – Rio de Janeiro : Agir, 2009.

Tradução de: A swift pure cry  
ISBN 978-85-220-0970-1

I. Romance inglês. I. Portocarrero, Celina.  
II. Título.

09-0023. CDD 823  
CDU 821.111-3

---

Todos os direitos reservados à Agir Editora Ltda.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso  
Rio de Janeiro – RJ – CEP 21042-235  
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/3882-8313

Para G. com amor

*Pairava, um pássaro, detinha seu vô,  
um grito rápido e puro, sobre o orbe de prata saltava  
sereno, veloz, suspenso...*

James Joyce, Ulisses

O sul da Irlanda, 1984

PARTE I  
Primavera

## Um

O lugar trazia à mente um navio indo a pique. Madeiras rangiam no chão, pelos bancos, galeria acima. Nas paredes, um vento arisco de março corria atrás dele mesmo.

A congregação lançou-se ao pai-nosso como se todas as almas estivessem decaindo. *Céu. Pão. Pecado. Tentação.* As palavras passavam voando pelos ouvidos de Shell como coelhos desaparecendo em suas tocas. Ela tentou torcer o nariz para torná-lo mais afilado. *Mal.* O chapéu da sra. McGrath cambaleava diante dela, sua pena parecendo bêbada: três a um como ia cair. Declan Ronan, o coroinha de hoje, examinava o tabernáculo, lambendo os lábios com olhos semicerrados. O que quer que estivesse pensando, não era sagrado.

Trix e Jimmy sentavam-se um de cada lado dela, balançando as pernas com as meias caídas. Competiam para ver quem conseguia ir mais alto e mais depressa.

— Quietos — sibilou Shell, dando uma cotovelada nas costelas de Jimmy.

— Quieta você — disse Jimmy em voz alta.

Felizmente, papai não ouviu. Agora ele estava de pé, ao microfone, fazendo a leitura das Escrituras como um profeta delirante. Suas costeletas brilhavam em tons de cinza. As linhas em sua testa imponente subiram e desceram. Nesse último ano, ele havia se transformado num fanático religioso. Tornou-se um beato extraordinário, distribuindo os livros dos hinos, passando as caixas de coleta a cada ofertório. Por dias e dias ele ia à vizinha Castlerock e andava pelas ruas angariando fundos para as causas da Igreja. Nas manhãs de domingo, ela o descobria muitas vezes ensaiando a leitura em seu quarto. Ele se sentava empertigado em frente ao espelho de três faces da velha penteadeira de mamãe, cuspidando as palavras como uvas ruins.

Shell, em compensação, não tinha tempo para a igreja: não desde a morte de mamãe, um ano atrás. Lembrou-se agora como, quando era menor, mamãe fazia com que ela, Jimmy e Trix se vestissem com apuro e os convencia a ir à missa, com

lápiz de cor e papel. *Desenhe para mim um anjo jogando hurling<sup>1</sup> na chuva, Shell; Faça para mim um gato pulando de pára-quadras de um avião, Jimmy.* Mamãe adorava os padres, as velas e os terços. Mais do que tudo, ela adorava a Virgem Maria. Ela dizia “*Santa Maria* isso e aquilo” o dia inteiro. *Santa Maria* se as batatas cozinhavam demais, se o cachorro pegava um corvo. *Santa Maria* se os bolinhos ficavam leves e saborosos.

Então ela morreu.

Shell lembrava-se de estar de pé ao lado da cama de mamãe quando ela saiu flutuando. O dr. Fallon, a sra. Duggan e a sra. McGrath tinham estado lá, com o padre Carroll liderando uma rodada do rosário. Seu pai se afastara, como um personagem coadjuvante num filme, mastigando as palavras mais do que as dizendo. *Agora e na hora da nossa...* Na palavra “morte”, Shell tinha congelado. *Morte.* A palavra tinha mau hálito. Quanto mais perto se chegava, mais se queria que fosse embora. Ela percebeu, então, que não acreditava mais no Céu. Mamãe não estava indo para lugar algum. Ela estava indo para lugar nenhum, para o nada. Seu rosto havia desmoronado, enrugado e acinzentado. Seus dedos magros amassavam os lençóis, agitando-se metodicamente sobre eles. Na cabeça de Shell, Jesus desceu da cruz e andou até o bar mais próximo. O rosto de mamãe se contraiu, como um bebê prestes a chorar. Então ela morreu. Jesus esvaziou seu copo de cerveja e saiu de vez da vida de Shell. A sra. McGrath colocou o espelho que mamãe usava para fazer a sobrancelha em frente à boca e disse: “Ela se foi.” Tudo estava quieto. Papai não se moveu. Continuou só mastigando as palavras, um peixe fora d’água.

Eles a velaram em casa por três dias. O rosto de mamãe ficou feito cera. Seus dedos ficaram azuis e duros, depois amarelos e moles outra vez. Eles os entrelaçaram com as contas brancas e leitosas de seu terço. Então a enterraram. Foi um drama — a aldeia inteira se inclinando, os homens tirando os chapéus. Houve procissões e velas, olhares solenes, orações e visitas dia e noite. *Meus pêsames*, diziam. Um estoque de bebidas foi consumido. Shell não chorou. Não no início. Não até que se passasse um ano inteiro. Então ela chorou muito e por muito tempo quando plantou junquinhos na sepultura num dia de novembro, no primeiro aniversário.

Quanto menos religiosa Shell ficava, mais papai se tornava. Antes que mamãe morresse, o máximo que ele fazia era acompanhar os gestos, ficando de pé no

1 Jogo nacional da Irlanda, de origem celta, semelhante ao hóquei. (N. da T.)

portão dos fundos da igreja, reclamando com os outros homens da última venda de gado ou da última partida de hurling. Mamãe não se importava. Ela brincava dizendo que os homens se encaixavam em duas categorias: ou eram devotados a Deus e indiferentes às mulheres ou devotados às mulheres e indiferentes a Deus. Se ela estivesse viva agora, não o teria reconhecido. Ele era a carolice em pessoa. Vendeu a televisão, dizendo que era um veículo do demônio. Assumiu o antigo papel de mamãe e fazia Shell, Jimmy e Trix o acompanharem numa dezena de rosários todas as noites, menos quartas e sábados, quando ele ia direto para o bar do Stack depois de seu dia de coleta. Desistiu de seu trabalho na fazenda dos Duggan. Dizia que estava dedicando sua vida ao Senhor.

Hoje, ele quase gritava. Anjos vingadores, templos desmoronando e falsos deuses ressoavam pela igreja, doendo no ouvido. O chapéu da sra. McGrath escorregou quando o choque da palavra *trovão* fez o microfone disparar um som agudo. Os olhos de papai vacilaram. Ele se distraiu por um instante. Encarou a congregação, olhando fixamente para o vazio, não vendo ninguém. Apertou os lados do leitoril. Shell prendeu a respiração. Teria ele se perdido? Não. Ele continuou, mas a energia se fora. Jimmy socou o banco, fazendo barulho, bem na hora em que papai gaguejava o final.

— Esta... é... a... palavra... do... Senhor — ele arrastou.

— Graças a Deus — ecoou a congregação.

Shell foi sincera ao dizê-lo. Ele tinha conseguido. Jimmy deu um risinho. Fez uma luneta com a folha de papel do hino e se virou para inspecionar as pessoas na galeria. Trix curvou-se até o chão, botando a cabeça no genuflexório. Papai desceu do altar. Todos ficaram de pé. Shell desviou os olhos de papai quando ele se instalou ao seu lado. Bridie Quinn, sua colega de escola, atraiu seu olhar. Ela tinha levado dois dedos às têmporas e os girava como se dissesse *Seu pai enlouqueceu*. Shell deu de ombros, como se respondesse *Não tenho nada a ver com isso*. Estavam todos à espera de que o padre Carroll lesse o Evangelho. Ele era velho e curvado, com uma voz suave e monocórdia. Podia-se mergulhar num sonho doce e tranqüilo enquanto ele recitava as palavras.

Houve uma longa pausa.

O vento lá fora diminuiu. Corvos grasnaram.

Não foi o padre Carroll quem se aproximou do microfone, e sim o novo vigário, padre Rose. Diziam que tinha acabado de sair do seminário, lá no interior. Nunca

havia falado em público. Shell só o tinha visto executar a liturgia em silêncio, ao lado do padre Carroll. Correu um vivo interesse pela audiência.

Ele se posicionou diante do leitoril, olhos baixos, e virou as páginas do livro com um leve franzir de cenho de concentração. Ele era jovem, com cabelos que cresciam para cima como feno. Inclinou a cabeça para o lado, como se refletisse sobre alguma importante questão teológica. Quando se achou, empertigou-se e sorriu. Era o tipo de sorriso que se irradiava para todos e por toda parte ao mesmo tempo. Shell sentiu que ele tinha sorrido só para ela. Ela o ouviu respirar fundo.

— No dia seguinte, quando saíam de Betânia... — ele começou.

Sua voz era calma, expressiva. As palavras traziam consigo um novo tom, um sotaque de outro lugar, de um condado mais rico. Ele lia as palavras como se ele mesmo as houvesse escrito, contando a história a respeito de Jesus virando as mesas dos agiotas do lado de fora do templo. Jesus se enfureceu com justa fúria e os lábios do padre Rose se moveram em solene harmonia. O ar em volta dele vibrava em bolhas de imagens brilhantes. Shell podia ouvir os pássaros engaiolados sob os arcos, o tilintar das moedas romanas. Ela podia ver as cores magníficas das vestes israelitas, a luz atravessando as colunas do templo. Imagens e sons cascateavam do púlpito, pairando no ar, girando como anjos à luz da primavera.

— Por favor, queiram se sentar — padre Rose disse ao final da leitura. A congregação se sentou. Apenas Shell continuou de pé, boquiaberta. As mesas dos homens do dinheiro se transformaram em cobras sibilantes. As multidões silenciaram. Jesus tornou-se um homem, triste e real, sorrindo para Shell enquanto ela continuava em transe. — Queiram se sentar — o padre Rose repetiu gentilmente.

Houve um zunzum ao seu redor e Shell lembrou-se de onde estava. *Meu Deus. Estão todos olhando.* Ela caiu de repente. Trix deu um risinho. Jimmy virou a luneta na sua direção.

Padre Rose desceu os degraus do altar e se postou diante da congregação, braços cruzados, sorrindo, como quem dá boas-vindas aos convidados para o jantar. Houve um murmúrio com a quebra dos costumes. Padre Carroll sempre ia para o púlpito para seu sermão. Padre Rose começou a falar.

— Muito bem. Tivemos hoje uma série de tragédias — ele disse. — Igrejas destruídas, Deus enraivecido. Mas — ele colocou as palmas das mãos para cima e lançou um olhar penetrante para o âmago da congregação — já lhes ocorreu que onde não há raiva também não há amor?

As frases se encaixaram e faiscaram como pedras preciosas num colar. Sua roupa brilhava quando ele gesticulava. Seu cabelo fino cintilava em louros e castanhos. Ele falou de escolhas e tentações. Falou de novos começos. Descreveu como tinha acabado de parar de fumar. Tinha pisado no maço, contou, e o tinha enterrado para expulsar a maldição da nicotina de suas entranhas. Talvez fosse como as mesas sendo viradas no relato do Evangelho. Ele falou de anjos e renascimento. Shell inclinou-se, com as mãos bem juntas. Um milagre aconteceu. Jesus saiu do bar e voltou diretamente para a cruz. Mamã dançava no Céu, valsando com os espíritos.

Quando padre Rose acabou, todos se puseram de pé e cantaram “Louva, minh’alma, o Rei dos Céus”. Entre as notas havia um murmúrio de bisbilhotice. Nora Canterville chamou a atenção da sra. Fallon, mulher do doutor, com uma careta. A sra. McGrath abanou o rosto com seu chapéu, como se o Diabo tivesse passado por ali. As sobancelhas de papai se uniram, escuras como besouros.

“*Resgatados, curados, restaurados, perdoados...*”, Shell cantava a plenos pulmões. Não tinha a voz de sua mãe, mas até que cantava direitinho. Ela pegou Declan Ronan imitando-a, abrindo e fechando a boca como um peixe angustiado. “*Louva o Rei eterno.*” Ela torceu o nariz para ele e olhou para o outro lado. Mesmo quando se lembrou de que precisava preparar o carneiro para o jantar, com Trix e Jimmy na cozinha incomodando como moscas, e se lembrou do dever de casa que não tinha feito, e do negro e árduo futuro em sua vida, nada teve importância. Jesus Cristo voltara à Terra na forma do padre Rose. Ele andava entre eles, em meio à congregação da igreja, na aldeia de Coolbar, condado de Cork.